

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E CIDADANIA. O Projeto Nós Propomos! em Portugal 2019/20

GEOGRAPHIC EDUCATION AND CITIZENSHIP: The “We Propose!” Project in Portugal 2019/20

SÉRGIO CLAUDINO

Doutor em Geografia Humana (Universidade de Lisboa)

Professor do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa

(IGOT-ULisboa) Investigador Principal do Centro de Estudos Geográficos (IGOT-ULisboa)

Financiamento UIDB/00295/2020 e UIDP/00295/2020

sergio@campus.ul.pt

RICARDO COSCURÃO

Doutorando em Geografia, Ensino, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT-ULisboa)

Investigador Associado do Centro de Estudos Geográficos (IGOT-ULisboa)

Bolsheiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia, SFRH/BD/139986/2018

rcoscurao@campus.ul.pt

RESUMO: QUANDO CRESCE O APELO AO COMPROMISSO DE CADA UM NAS CAUSAS COMUNITÁRIAS E GLOBAIS, A ESCOLA E AS CIÊNCIAS SOCIAIS, EM PARTICULAR, SÃO CADA VEZ MAIS DESAFIADAS A DAREM UM CONTRIBUTO EFETIVO PARA A EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA. A DISCIPLINA DE GEOGRAFIA, QUE ABORDA AS SOCIEDADES NO TERRITÓRIO, TEM UMA REONSABILIDADE PARTICULARMENTE GRANDE NO DESAFIO DE CONTRIBUIR PARA QUE OS MAIS JOVENS CONSTRUAM COMUNIDADES HARMONIOSAS E SUSTENTÁVES. EM 2011/12, SURTIU EM PORTUGAL O PROJETO NÓS PROPOMOS! CIDADANIA E INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA, HOJE DIVULGADO POR TODO O PAÍS E QUE SE DIFUNDIU PELO BRASIL E POR VÁRIOS OUTROS PAÍSES – É O PROJETO DE EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA MAIS INTERNACIONALIZADO. AO LONGO DOS ANOS, EM PORTUGAL FORAM APRESENTADAS QUASE 2000 PROPOSTAS DE ALUNOS QUE IDENTIFICARAM PROBLEMAS LOCAIS, REALIZARAM TRABALHO DE CAMPO SOBRE OS MESMOS E APRESENTARAM PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO. MAIS DO QUE O CONTEÚDO DESTAS PROPOSTAS, A MAIS VALIA DO PROJETO CONSISTE NA EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA TERRITORIAL QUE PROMOVE. COM A PANDEMIA, MESMO COM AS AULAS SUSPENSAS NAS ESCOLAS PORTUGUESAS, OS MAIS JOVENS CONCLUÍRAM OS SEUS PROJETOS, CANDIDATARAM-SE AOS VÁRIOS CONCURSOS, NUMA DEMONSTRAÇÃO DE COMO O PROJETO NÓS PROPOMOS!, PORQUE DESAFIO DE UMA CIDADANIA VIVIDA, LHE É SIGNIFICATIVO.

PALAVRAS-CHAVE: TRABALHO DE CAMPO; COMUNIDADE; PROJETOS; CONCURSOS; PANDEMIA.

ABSTRACT: WHEN THE APPEAL FOR EACH PERSON'S COMMITMENT TO COMMUNITY AND GLOBAL CAUSES GROWS, THE SCHOOL AND SOCIAL SCIENCES, IN PARTICULAR, ARE INCREASINGLY CHALLENGED TO MAKE AN EFFECTIVE CONTRIBUTION TO EDUCATION FOR CITIZENSHIP. THE DISCIPLINE OF GEOGRAPHY, WHICH ADDRESSES SOCIETIES IN THE TERRITORY, HAS A PARTICULARLY GREAT RESPONSIBILITY IN THE CHALLENGE OF HELPING YOUNG PEOPLE TO BUILD HARMONIOUS AND SUSTAINABLE COMMUNITIES. IN 2011/12, THE WE PROPOSE PROJECT! CITIZENSHIP AND INNOVATION IN GEOGRAPHIC EDUCATION APPEARED IN PORTUGAL, TODAY IS DISSEMINATED THROUGHOUT THE COUNTRY AND WHICH HAS SPREAD THROUGHOUT BRAZIL AND SEVERAL OTHER COUNTRIES - IS THE MOST INTERNATIONALIZED GEOGRAPHIC EDUCATION PROJECT. OVER THE YEARS, IN PORTUGAL ALMOST 2000 PROPOSALS WERE PRESENTED BY STUDENTS WHO IDENTIFIED LOCAL PROBLEMS, CARRIED OUT FIELD WORK ON THEM AND PRESENTED INTERVENTION PROPOSALS. MORE THAN THE CONTENT OF THESE PROPOSALS, THE PROJECT'S ADDED VALUE CONSISTS IN EDUCATION FOR THE TERRITORIAL CITIZENSHIP IT PROMOTES. WITH THE PANDEMIC, EVEN WITH CLASSES SUSPENDED IN PORTUGUESE SCHOOLS, THE YOUNGEST CONCLUDED THEIR PROJECTS, APPLIED FOR VARIOUS COMPETITIONS, IN A DEMONSTRATION OF HOW THE PROJECT WE PROPOSE!, BECAUSE THE CHALLENGE OF A LIVED CITIZENSHIP, IS UNIQUE TO THEM.

KEYWORDS: FIELDWORK; COMMUNITY; PROJECTS; CONTESTS; PANDEMIC.

UM PROJETO DE VOCAÇÃO IBEROAMERICANA

Em 2011/12, foi criado em Portugal o Projeto Nós Propomos! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica, no âmbito do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa/IGOT-ULisboa. Nove anos depois da sua implementação, este projeto de ensino experimental encontra-se alargado a todo o país e, a partir de 2014, alargou-se a outros países. É o projeto escolar português com maior internacionalização e aquele de Geografia com maior significado à escala mundial.

O Projeto Nós Propomos! desafia os alunos a identificarem problemas locais que lhes são relevantes, a realizarem trabalho de campo sobre os mesmos e a apresentarem propostas de intervenção/ação comunitária, que depois partilham com a mesma comunidade, numa assumida perspectiva de formação cidadã.

O Projeto tem registado uma assinalável expansão em Portugal e, também, por outros continentes, como já se referiu. Em Portugal, está presente por todo o país, também nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira. Contudo, ele está muito ausente das regiões mais interiores e do Alentejo, ou seja, das regiões mais periféricas do país. Isso significa que, na realidade, num sistema educativo muito uniformizado, a escola parece interiorizar a falta de dinamismo local. À escala internacional (Figura 1), para além de Portugal, o Projeto está presente em mais seis países: primeiro, o Brasil (2014), depois a Espanha (2016/17), alargando-se, entretanto, a Moçambique (2017/18), Colômbia e Perú (2018), México (2018/19), prevendo-se a sua implementação próxima no Chile e na Costa Rica.

O Projeto surge com uma clara vocação iberoamericana. Sendo difícil possuir uma estimativa mais rigorosa do total de participantes, Espanha teve em 2019/20 cerca de 2000 alunos participantes. O Brasil é claramente o país da América Latina em que o Projeto tem maior expressão, sendo dinamizado em cerca de 30 instituições de ensino superior que em geral, trabalham com um número limitado de escolas.

Nos restantes países, está presente num número mais limitado de instituições e em Moçambique está presente numa Escola.

Com o presente texto pretende-se fazer uma breve caracterização dos seus objetivos e princípios e abordar o seu funcionamento em Portugal em 2019/20, anos em que os alunos tiveram de concluir o Projeto em casa, devido à pandemia.

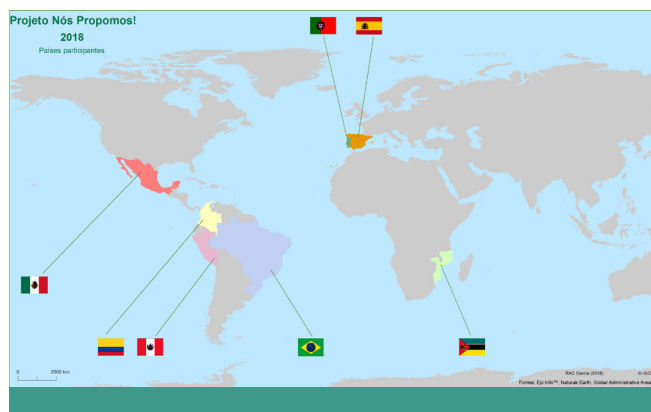


Figura 1 – Países participantes do Projeto Nós Propomos!. Fonte: Ricardo Garcia, IGOT-ULisboa, 2018.

CONSTRUIR A CIDADANIA COM A COMUNIDADE

Na crítica às democracias representativas, cresce a exigência da participação do cidadão comum na definição dos destinos da sua comunidade.

Pretende-se “resgatar o espírito democrático de sociedades” em que as decisões acabam por ser exteriores à população (FERRÃO, DASI, 2016, p. 237). A mobilização das populações para as tomadas de decisão públicas, para a *governança*, é associada a “redes de parcerias e múltiplos agentes” (FERNANDES, CHAMUSCA, 2009, p. 29), em que todos são livres e devem participar no processo de desenvolvimento. Esta participação é central na consolidação dos regimes democráticos e na articulação dos atores em favor do desenvolvimento. Nos instrumentos de ordenamento do território, a consulta pública das populações torna-se requisito obrigatório para a respetiva aprovação – no pressuposto de que não se planeia *para* as populações, mas *com* as populações. Da mesma forma, educar para a

cidadania é educar “na cidadania” (FIGUEIREDO, 2005, 23), na pertença à comunidade, na partilha da forma como os seus membros perspetivam os problemas comuns e tendo em vista a tomada de decisões. Assim, esta educação tem de estar vinculada à participação dos alunos, como cidadãos, na vida escolar, “naqueles espaços e tempos em que tenham possibilidade de intervir” (GARCÍA-PEREZ, ALBA-FERNANDEZ, NAVARRO-MEDINA, 2015, p. 138). É um projeto que se desenvolve, pois, na interação da escola com a comunidade.

Um dos pilares do Projeto Nós Propomos! reside, precisamente na construção da cidadania territorial, a partir da escola e no diálogo com a comunidade.

A CIDADANIA COMO LIGAÇÃO AOS LUGARES

As relações entre Geografia e educação para a cidadania sugerem como particularmente estreitas. Para Machon e Walkington (2000), a formação de jovens cidadãos reflexivos implica que estes compreendam como o mundo funciona, o que pode ser proporcionado pela compreensão dos processos geográficos, favorecendo a reflexão, tomada de decisão e participação na sociedade, ou seja, permitindo que os alunos explorem e compreendam o mundo em que vivem, para que possam agir sobre o mesmo (MARTINS, 2017). No fundo, a cidadania pode ser encarada como um senso de auto ligação aos lugares (SCHMIDT, 2011). O conhecimento geográfico aumenta, assim, o potencial dos jovens, enquanto cidadãos conscientes e informados (LAMBERT, 2017). Podemos, assim, concluir que a educação geográfica confere uma dimensão territorial à educação para a cidadania, o que nos remete para uma cidadania espacial, conceito frequentemente utilizado em trabalhos desta natureza, ou para o de cidadania territorial, conceito criado no âmbito do Projeto Nós Propomos! e que Claudino (2019, p. 382), define como a “participação responsável nas tomadas de decisão sobre os problemas comunitários de base espacial”.

A escala local constitui, na realidade, o primeiro nível de análise de um processo multiescalar de identificação de problemas e procura de soluções, podendo facilitar, pela proximidade ao quotidiano dos alunos, a identificação de problemas com expressão territorial.

O DESAFIO DO ESTUDO DE CASO

Instituída com o sistema de educativo do século XIX, a Geografia surge como uma disciplina marcadamente ideológica, ao serviço de um projeto de cidadania nacionalista, vocação que se prolonga até à atualidade. Desvalorizado continua o debate sobre a cidadania local, nos sistemas educativos herdados do século XIX - o que o Projeto Nós Propomos! assumidamente contraria. A visita a um parque natural, a um museu, a um centro histórico poderão ser frequentes, mas surgem mais como atividades de recolha de informação, “com a função de ilustrar e/ou complementar as aprendizagens” em sala de aula (CLAUDINO, 2018, p. 270) do que de pesquisa efetiva de problemas locais, numa perspetiva de intervenção cidadã.

Em Portugal, na reorganização curricular de 2001, a educação para a cidadania foi considerada transversal a todas as áreas curriculares. Nesta sequência, na disciplina de Geografia do ensino secundário (16-18 anos), o programa aprovado em 2001 e implementado a partir de 2004 sublinha, precisamente, as preocupações de formação cidadã. A grande novidade do mesmo programa consiste na obrigatoriedade do Estudo de Caso, para que se sugere a adoção da metodologia do trabalho de projeto. Apresentado como “uma oportunidade efetiva de introduzir o conhecimento da realidade no trabalho em Geografia”, através do Estudo de Caso pretende-se, entre outros, “Analisar criticamente problemas que afetam a região onde vive, refletindo sobre soluções possíveis para os problemas detetados” (ALVES, BRAZÃO, MARTINS, 2001, p. 57). Em 2018, as *Aprendizagens Essenciais de Geografia* para o 11º ano (REPÚBLICA PORTUGUESA, 2018),

continuam a mencionar o Estudo de Caso – há, assim, uma continuidade curricular deste no ensino secundário.

Contudo, nas escolas portuguesas não se assistiu, desde 2004/5, a uma implementação efetiva e generalizada do mesmo Estudo de Caso. O próprio Ministério da Educação excluiu, ao longo de anos, o mesmo dos exames nacionais - mas, desde 2017/18, foram introduzidas questões sobre medidas a tomar perante problemas regionais concretos, refletindo também a influência nacional do Projeto.

Tendo por pano de fundo as preocupações educativas antes mencionadas, o Projeto Nós Propomos! surgiu, em 2011/12, tendo como motivação imediata a dinamização do Estudo de Caso, a quem se reconhecia grandes potencialidades educativas mas que acabava por ser esquecido na generalidade das escolas. Ao fim de nove edições, participaram já no Projeto 12000 alunos, que produziram perto de 2000 projetos de intervenção territorial.

AS PRINCIPAIS FASES DO PROJETO

Como se referiu antes, o desenvolvimento do Projeto não é rígido e tenta respeitar diferentes ritmos de escolas, professores e alunos. Em Portugal, o Projeto tem-se desenvolvido de acordo com as seguintes fases:

a) Reunião com os docentes envolvidos

Esta reunião destina-se, desde logo, a integrar os professores e as escolas que participam, pela primeira vez, no *Projeto Nós Propomos!* Neste encontro, discutem-se os objetivos e os princípios gerais de funcionamento no Projeto, realiza-se um breve balanço do Projeto no ano anterior, debatem-se as regras a serem reformuladas, presentes no Regulamento, bem como o calendário de atividades do novo ano letivo.

As reuniões dos primeiros anos foram as mais participadas, até pela necessidade sentida pelos professores em conhecerem o funcionamento do Projeto. Com o alargamento do

Projeto a escolas de todo o país, e na ausência de recursos financeiros para apoiar as deslocações dos professores participantes, este debate inicial tem sido cada vez mais desenvolvido com recurso às tecnologias de informação.

b) Assinatura de protocolos de cooperação

Na matriz do Projeto, está o estabelecimento de parcerias com diversos atores, como antes se referiu. Concretizando esta colaboração, são assinados protocolos de colaboração, entre o IGOT-Universidade de Lisboa e a Escola e, sempre que possível, com a autarquia; pontualmente, os protocolos são assinados com empresas ou entidades locais que também participam no Projeto. Estes acordos têm um texto genérico sobre a cooperação entre as entidades envolvidas. Contudo, possuem uma grande relevância simbólica, por comprometerem os responsáveis das instituições no apoio ao Projeto.

A nível internacional, os protocolos têm sido igualmente assinados entre o IGOT-UL e as outras universidades participantes.

c) A mobilização de professores e alunos

A adesão ao Projeto Nós Propomos! é voluntária por parte de escolas e professores. As principais resistências à adesão de uma escola ou de uma turma ao Projeto surgem por parte dos professores, que têm um papel em projetos centrados na pesquisa de problemas locais. A concretização do Projeto Nós Propomos! supõe a implementação de metodologias de trabalho escolar que quebram as rotinas tradicionais, e os docentes não se sentem devidamente preparados – porque alvo de uma formação demasiado academicista, baseados na transmissão de saberes fragmentados que possuem um papel central em projetos centrado na investigação de problemas locais (GARCÍA PÉREZ, MORENO FERNÁNDEZ; RODRIGUEZ MARTIN, 2015). Por outro lado, apesar de reconhecerem, nas avaliações que realizam do Projeto, a validade do trabalho desenvolvido, muitos professores não se sentem diretamente gratificados/recompensados pelo trabalho

acrescido desenvolvido por este não ter, depois, reconhecimento nas suas carreiras profissionais.

Desenvolvendo-se o Estudo de Caso no 11º ano de Geografia, ano do exame nacional, vários professores preferem implementá-lo no 10º ano ou no 12º ano de Geografia. A experiência demonstra, entretanto, que os alunos conseguem compatibilizar a realização do Estudo de Caso com a preparação dos exames: o seu envolvimento com a disciplina de Geografia é maior, por causa do Projeto, e frequentemente os alunos que participam no mesmo incluem-se entre aqueles com melhores classificações nacionais na disciplina – o que não deixa de ser significativo.

d) Identificação dos problemas locais pelos alunos

Os problemas sobre que os alunos se debruçam são de âmbito local, muito embora incorporem, frequentemente, uma visão multiescalar (as populações que emigram, o turismo que cresce, uma produção que tem um mercado cada vez mais alargado, etc). A identificação destes problemas é realizada, desde logo, através do diálogo da turma na sala de aula. Alguns professores realizam itinerários com os alunos na área da escola e outros implementam um inquérito de sensibilização para os problemas locais.

De acordo com uma perspetiva construtivista da aprendizagem, os alunos identificam, em pequenos grupos, problemas locais que lhes são significativos, na área da escola e da sua residência – como a recuperação de um edifício abandonado, a alteração do percurso de um autocarro de transportes públicos ou a compostagem dos restos da comida da cantina escolar. Por vezes, os professores sugerem grandes temas de trabalho (os problemas ambientais, a requalificação de uma área da cidade, etc), num compromisso, afinal, entre os interesses dos próprios docentes e os dos alunos.

Em 2019/20, observou-se, aparentemente, um “Efeito Greta”: os problemas ambientais explodiram nas propostas dos alunos, muito preocupados com as alterações climáticas, a

defesas das energias renováveis, a reciclagem ou a mobilidade sustentável.

e) Formação de grupos de trabalho e definição do tema de projeto

Apesar de serem atividades diferentes, a formação de grupos e a definição do respetivo tema acabam por decorrer mais ou menos em simultâneo. Tipicamente, acontecem pelo segundo mês do Projeto. Cada grupo tem, em geral, 4 alunos, mas por vezes este número é superior.

Quando o Projeto Nós Propomos! começou, era mais frequente os alunos selecionarem grandes projetos, como a construção na localidade de um parque desportivo ou de uma escola musical. Progressivamente, também por influência dos professores e dos próprios técnicos das autarquias, os projetos têm evoluído para propostas menos ambiciosas mas, eventualmente, mais facilmente concretizáveis, como a recuperação de um moinho com interesse para o património arquitetónico local ou a marcação de faixas de atravessamento para peões em algumas ruas da cidade.

f) Sessão de trabalho da equipa de coordenação

Uma vez por ano letivo, um ou mais membros da equipa de coordenação deslocam-se a cada escola participante. Nesta sessão: i) são recordados os objetivos do Projeto, ii) as fases em que se desenrola, iii) a rede de escolas no país e rede internacional do Projeto. Aborda-se com os alunos e professores os temas dos projetos a desenvolver ou que já foram iniciados. Frequentemente, os alunos fazem mini-apresentações dos projetos que já estão a iniciar.

Estas sessões de trabalho servem, fundamentalmente, para dialogar com todos os intervenientes no Projeto, alunos, professores, as direções das escolas e, frequentemente, representantes das autarquias. Este contacto pessoal é decisivo. Com a expansão recente do Projeto, por vezes tem sido difícil realizar estas sessões em cada uma das escolas, o que se tem sido revelado negativo para a respetiva

participação - a confirmar a grande importância destas sessões como momentos de mobilização.

g) Sessões de trabalho sobre o Plano Diretor Municipal

Sempre que possível, técnicos das autarquias reúnem com alunos e professores e partilham as principais preocupações do Plano Diretor Municipal, que ajudam a enquadrar os problemas que os alunos estão a pesquisar. Esta constitui também uma forma de aproximar os alunos do poder local, o que tem constituído uma mais-valia muito importante deste contacto.

Quando os projetos já estão iniciados, em algumas câmaras municipais os técnicos têm reunido com cada um dos grupos de trabalho numa experiência muito rica para os alunos, mas seguramente também importante para os referidos técnicos, que assim ficam a conhecer a sensibilidade dos jovens sobre os problemas locais.

i) Realização de Trabalho de campo

O trabalho de campo é central no Projeto. Os alunos vêm para a rua, fotografam os espaços ou equipamentos sobre que querem atuar e escutam as populações, em pequenos inquéritos ou entrevistas a atores locais. Geralmente, quando identificam um problema, os alunos constroem/idealizam propostas de solução para o mesmo. Essa discussão/problematização por parte dos alunos é importante, mas é fundamental que os alunos escutem a população sobre estes problemas e sobre as suas próprias propostas – como é sublinhado aos alunos, essas propostas deixam de ser só deles para passarem a representar as opiniões da própria população, ganhando, por isso, maior solidez e credibilidade.

O facto de jovens se dirigirem à população, a fim de recolher a sua opinião sobre um problema local, acaba por ter um importante significado: coloca em discussão pública esse problema.

Recentemente, assiste-se a uma crescente valorização das redes sociais como espaços de realização de inquéritos sobre os projetos dos alunos. Em 2020, com a pandemia do COVID-19,

reforçou-se, naturalmente, o trabalho de campo com recurso às tecnologias.

j) Elaboração das propostas pelos alunos

As propostas são apresentadas por duas formas: um recurso multimédia, geralmente um *Powerpoint*© (mas tem-se utilizado também o *Prezi*© e vídeos, estes geralmente com carácter complementar) e uma pequena memória descritiva. Na apresentação pública dos projetos, avulta sempre o recurso multimédia. O *Projeto Nós Propomos!* é convidado, de forma crescente, a participar em reuniões científicas, em assembleias autárquicas, nos eventos das próprias escolas, como as exposições de final de ano letivo. Assim, é cada vez mais solicitado aos alunos a elaboração de cartazes com as suas propostas, cuja visibilidade é assim multiplicada.

k) Avaliação intermédia

No quinto mês do Projeto, numa fase já avançada de concretização das propostas pelos grupos, os alunos respondem a um questionário *online*, no sítio do *Projeto Nós Propomos!*, onde identificam as tarefas que já realizaram e aquelas que lhes falta realizar, bem como as dificuldades que estão a sentir. Este exercício vale, sobretudo, como atividade de autoavaliação, em que o grupo faz o seu próprio balanço do desenvolvimento do projeto. A coordenação do Projeto organiza uma equipa que responde a cada uma destas auto-avaliações; um membro dessa equipa comenta a auto-avaliação de um conjunto de projetos. Geralmente, é elogiado o trabalho já desenvolvido e, nalguns casos, são dadas sugestões sobre a forma de superar problemas identificados pelos alunos e tarefas a realizar futuramente - geralmente, relacionadas com a auscultação da população.

A avaliação intermédia é muito importante para os alunos: para além de constituir uma forma de disciplinar o trabalho, os alunos valorizam muito que, do IGOT-Universidade de Lisboa se lhes diga que o trabalho está a ser desenvolvido de forma adequada e adotam, geralmente, as sugestões que lhes são fornecidas. Por vezes,

estabelece-se mesmo um interessante diálogo entre o grupo de trabalho e a pessoa que realizou a respetiva avaliação

l) Participação em concursos de fotografia, vídeo, texto, desenho e spot publicitário

Ao longo dos anos, foram surgindo fotografias, textos, desenhos e filmes de vídeo de grande interesse e habitualmente pouco valorizados. Constituem subprodutos dos projetos principais desenvolvidos pelos alunos. Assim, em 2014/15, decidiu-se realizar um concurso de fotografia. Pelo seu sucesso, em 2015/16, criaram-se outros concursos como já referido, com assinalável participação dos alunos. Estes concursos mobilizam alunos com competências muito diversas, o que é muito importante, e dão um renovado colorido e vivacidade ao Projeto.

m) Divulgação das propostas dos alunos

Todos os grupos participam no Seminário Nacional, que se realiza na Universidade de Lisboa, onde apresentam as suas propostas da parte da manhã, para o que dispõem de 10 minutos, numa sala com colegas de outras escolas – no que constitui uma experiência marcante, do ponto de vista da experiência pessoal. Da parte da tarde, realiza-se a sessão plenária (Figura 2), onde responsáveis académicos e autarcas realizam intervenções e são atribuídas distinções e prémios aos alunos. A divulgação das propostas prolonga-se pelas escolas, e, sobretudo, pelas autarquias, com divulgação na comunicação social. Os projetos estão disponíveis no sítio do Projeto (www.nospropomos.igot.ul.pt).

n) Avaliação do Projeto

No final do ano letivo, é lançado um inquérito de avaliação, a alunos e professores. Os alunos são frequentemente críticos da colaboração das autarquias, de outras entidades e da população – estão a trabalhar para a resolução de problemas locais, não têm experiência relevante de trabalho de campo e ficam magoados por não receberem o apoio a que se sentem com direito. Por outro lado, referem a dificuldade em desenvolver o

Projeto ao mesmo tempo que têm de gerir outros desafios escolares, como os exames nacionais.



Figura 2 – Sessão Plenária do Seminário Nacional de 2018/19, dia 29 de abril. Fonte: O autor, 2019.

Na avaliação que efetuam do Projeto, em 2018/19, dos 24 professores que se pronunciaram sobre o mesmo, numa escala de “Nada satisfeito” a “Muito satisfeito”, 6 consideraram-se “Satisfeito” e 18 “Muito satisfeito”, tendo-se repartido as suas apreciações por diversos aspetos do seu funcionamento.

Sublinhe-se, entretanto, que o Projeto Nós Propomos! tem sido alvo de diversos prémios regionais nacionais e internacionais, em Portugal, Espanha e Brasil.

OS PROJETOS EM 2019: PRIORIDADE À INTERVENÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO

Em Portugal, no ano letivo 2019/2020, o Projeto “Nós Propomos!” foi interpelado pela pandemia do COVID-19. Em 16 de março, todas as aulas presenciais foram suspensas e os alunos, com apoio dos seus professores, concluíram os seus projetos em situação de confinamento.

Foram submetidos 332 projetos, dos quais 4 dos Pequenos Grandes Cidadãos (alunos do 1º ciclo do ensino básico) e 5 projetos do 5º ano de escolaridade (9/10 anos). Os restantes 323 projetos, do ensino secundário (15-18 anos), envolveram 1336 alunos e 58 professores, de 43 escolas. Antes da suspensão nacional das atividades escolares devido à pandemia, em 16 de março de 2020, estimava-se que o número de

projetos elaborados pelos alunos fosse de cerca de 420 – ou seja, houve uma redução de projetos submetidos de 23,1%. Dasquelas 323 propostas submetidas, 93 corresponderam às submissões dos projetos vencedores em cada escola (calculados proporcionalmente ao número de alunos participantes no Projeto em cada escola).

A grande maioria das propostas foi desenvolvida por alunos do 11.º ano de escolaridade (Figura 3) – nível em que surge o Projeto e onde está consagrado o Estudo de Caso na disciplina de Geografia A.

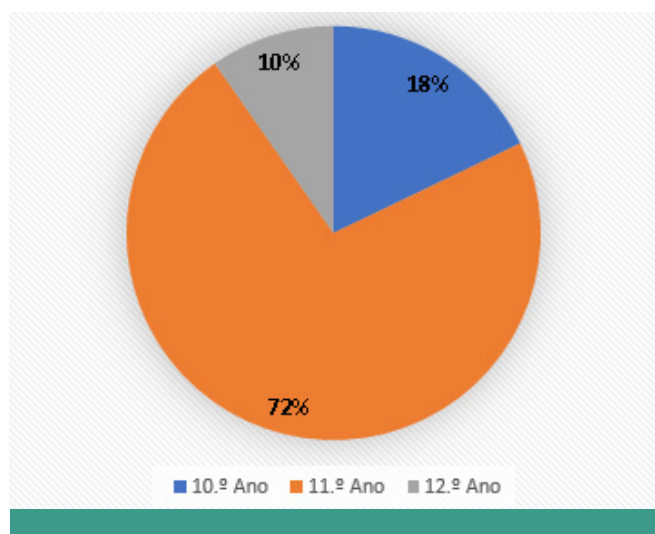


Figura 3 – Propostas do ensino secundário submetidas em 2019/20, Portugal. Fonte: O autor, 2019.

As propostas mais frequentes são as assentes em preocupações de índole cultural e recreativa (31,8%), seguidas das propostas que partem de preocupações socioeconómicas (30,2%), a que se seguem os projetos de âmbito ambiental (19,5%) e, enfim, de propostas de acessibilidade/mobilidade (18,6%). Quanto aos tipos de propostas, destacam-se aquelas que envolvem algum tipo de intervenção no espaço público, bem como aquelas que implicam intervenção em algum edifício já existente. A diversidade verificada motivou a criação da subcategoria “Outro”. Neste grupo, encontramos propostas que envolvem desde operações de dragagem num rio, até à formação de Organizações Não Governamentais, passando pela criação de aplicações para telemóvel, entre muitos outros exemplos. Nesta diversidade, encontramos

espelhada a inspiração construtivista do Projeto e a pluralidade de contextos em que trabalham os alunos (SOUTO, CLAUDINO, 2019).

Por outro lado, os alunos submeteram 100 trabalhos aos concursos nacionais temáticos de Fotografia, Vídeo, Texto, Desenho e Spot Publicitário, com que se pretende valorizar diversas competências dos alunos. Estes trabalhos incidem sobre os temas dos respetivos projetos. Nunca o Projeto Nós Propomos! teve tantos trabalhos concorrentes, pela consolidação dos concursos mas também porque, fechados em casa, terão tido mais tempo para concluírem as suas propostas. Estes trabalhos traduzem, de forma crescente causas, desde logo as ambientais (Figura 4).



Figura 4 – Concurso Nacional de Fotografia, Leonor Carvalho, Escola Secundária da Ribeira Grande, “É este o nosso futuro?” (fotografia premiada). Fonte: O autor, 2020.

No contexto de um país “fechado”, em confinamento, em que muitas iniciativas e projetos foram cancelados e em que foi discutido o próprio cancelamento do Projeto Nós Propomos!, a participação dos alunos (e, seguramente, dos seus professores) na fase final no Projeto Nós Propomos! ressentiu-se, como era previsível, da suspensão das atividades escolares presenciais – com impacto particular entre alunos e escolas de meios socioeconómicos mais desfavorecidos. Contudo, ela foi muito superior às expectativas iniciais e foi, verdadeiramente, uma participação excepcional. Podendo ser objetivo de múltiplas

análises, ela traduz uma grande resiliência do próprio Projeto.

PROJETO NÓS PROPOMOS! UMA PROPOSTA ALTERNATIVA NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

O Projeto Nós Propomos! implica uma alteração das rotinas escolares, porque significa um novo percurso de identificação de um problema, trabalho de campo com recolha de informações diretas no território em que se habita e que é elevado, agora, a objeto de estudo, não a um mero depósito de exemplos do que se aborda por indicação direta dos programas - com as dificuldades daí resultantes numa escola de rotinas bem marcadas. Mas, na realidade, coloca os alunos a olhar atentamente para a comunidade, a identificarem os respetivos problemas e a apresentarem propostas sobre os mesmos, porque são cidadãos – e a educação cidadã faz-se no trabalho sobre a realidade concreta, como antes referido.

A difusão do Projeto em Portugal e fora do país e, de forma muito particular, como os alunos lhe deram continuidade num período de pandemia, traduz como ele é significativo para alunos e professores. Tal como desde 2019/20, o Projeto Nós Propomos! afirma-se, de facto, como uma alternativa à educação geográfica tradicional.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Luisa, BRAZÃO, Manuela, MARTINS, Odete Sousa. **Programa de Geografia A**. Lisboa: Ministério da Educação, 2001. 67p.

CLAUDINO, Sérgio. Educação geográfica, trabalho de campo e cidadania. O Projeto Nós Propomos! In: VEIGA, Feliciano Henriques Veiga (Coord.). **O ensino na escola de hoje**. Teoria, investigação e aplicação. Lisboa: Climepsi Editores, 2018. 550p. p. 265-303

_____. Project We Propose! Building territorial citizenship from school. In: PINEDA-ALFONSO, José A.; ALBA-FERNANDEZ, Nicolas de; NAVARRO-MEDINA, Elisa. **Handbook of Research on Education for Participative Citizenship and Global Prosperity**. Hershey: IGI Global, 2029. 689 p. p. 350-382.

FERNANDES, José Rio; CHAMUSCA, Pedro. Governância, planeamento e estratégias de desenvolvimento territorial: reflexões a propósito da teoria e da prática. **Inforgéo**, 24, p. 27-43, 2009.

FERRÃO, João; DASÍ, Joaquin Farinos. Governança [Gobernanza, Governance]. In FERNANDES, José Alberto Rio; LÓPEZ TRIGAL, Lorenzo; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). **Dicionário de Geografia Aplicada**. Terminologia da análise, do planeamento e da gestão do território. Porto: Porto Editora, 2016. 568p. p. 237-238.

FIGUEIREDO, Carla Cibele Formação Cívica. E agora, um tempo para reflectir? In: CARVALHO, Carolina, SOUSA, Florbela de, PINTASSILGO, Joaquim (Org.). **A educação para a cidadania como dimensão transversal do currículo escolar**. Porto: Porto Editora, 2007. 104p. p. 23-47.

GARCÍA-PÉREZ, Francisco Florentino, ALBA-FERNÁNDEZ, Nicolás de, NAVARRO-MEDINA, Elisa. La formación inicial del profesorado para enseñar ciudadanía. Experiencias en los niveles de grado e de máster. In: BORGHI, Beatrice, GARCÍA-PÉREZ, Francisco Florentino, MORENO-FERNÁNDEZ, Olga (Org.). **Novi Cives. Cittadini dall'infanzia in poi**. Bologna: Pàtron Editores, 2015, 339p. p. 137-148.

MACHON, Paul. & WALKINGTON, Helen. Citizenship: the role of geography?. In: KENT, Ashley. (Ed). **Reflective practice in Geography Teaching**. Londres: SAGE, 2000. 306p p. 179-191.

MARTINS, Felisbela. Teaching to Develop Geographical Thinking. In: BROOKS, Claire, BUTT, Graham, FARGHER, Mary (Ed.). **The Power of Geographical Thinking**. SPRINGER, 2017. 238p p. 199-209.

LAMBERT, David. The Relevance Of Geography For Citizenship Education. In: LEITE, Laurinda, DOURADO, Luís; AFONSO, Ana; MORGADO, Sofia (Ed.). **Contextualizing Teaching To Improve Learning The Case Of Science And Geography**. Hauppauge/ NY: Nova Science Publishers, 2017. 333p. p. 57-71.

REPÚBLICA PORTUGUESA. **Aprendizagens Essenciais do Ensino Secundário**, Geografia A, 11.º ano. Lisboa: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/11_geografia_a.pdf>. Acedido em: 30 ago. 2019.

RODRÍGUEZ DOMENECH, Maria Angeles; CLAUDINO, Sérgio. Principios y base metodológica del proyecto ¡Nosotros proponemos! In: RODRÍGUEZ DOMENECH, M^a. Ángeles; CLAUDINO, Sérgio (Coord.). **¡Nosotros proponemos!** Ciudadanía, sostenibilidad e innovación geográfica ante los desafíos educativos de la sociedad. Barcelona: Editorial GRAÓ, 2018. 262p. p. 19-38.

SCHMIDT, Sandra. Making Space for the Citizen in Geographic Education. **Journal of Geography**, v. 110, n. 3, p. 107-119, may 2011.

SOUTO, Xosé Manuel, CLAUDINO, Sérgio. Construimos uma Educação Geográfica para a Cidadania Participativa. O caso do Projeto Nós Propomos! **Revista Signos Geográficos** – Boletim NEPEG de Ensino de Geografia, v. 1, p. 1-16, 2019.